O FILHO DOS RIOS

LUIGI J. LUNEWALKER



ANANSI EDITORIAL

O FILHO DOS RIOS

Luigi J. Lunewalker

2ª Edição

ANANSI EDITORIAL

Copyright © 2022 Anansi Editorial e Luigi J. Lunewalker

Capa
Grid Matos (@gridc.matos)
Revisão
Gustavo Martins (@gmoon.martins)
Diagramação
Luigi J. Lunewalker (@ljlunewalker)
Ilustrações
Jon Micael (@arts.jao)

Todos os direitos reservados.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito do autor.

Texto adequado às normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Não recomendado para leitores menores de 16 anos.

Para Géss Rojas, para sempre a sereia que encanta minhas histórias e faz com que minhas palavras encontrem as páginas.

SUMÁRIO

O FILHO DOS RIOS

PASTOR DAS RUAS

AGRADECIMENTOS

APOIA-SE!

O AUTOR

OBRAS

O FILHO DOS RIOS

Há dias Ingrid tem se sentido enjoada. Seus dias começam correndo para o banheiro para vomitar, muitas comidas que antes a agradavam passaram a deixá-la enjoada. Pensar em certos alimentos era o suficiente para que seu estômago revirasse e ela pusesse para fora qualquer coisa que tivesse comido. Ela não se sentia bem, não tinha mais o mesmo pique de antes, terminava seu trabalho no escritório e não mais acompanhava as amigas para os bares e boates, só tinha tempo de chegar em casa e deixava-se cair sobre a cama.

Tinha uma suspeita - o pensamento que a atormentava nesses dias. Um pensamento que ela tentava jogar para baixo do tapete em sua mente. Não podia ser. Não podia ser aquilo. Ela sempre tomava cuidado para isso não acontecer. Mas, toda noite quando se deitava, a ideia voltava a atormentá-la. As lágrimas escorriam toda noite, pouco antes de adormecer sempre com uma mão junto de seu ventre. Rezava para estar enganada. Ingrid esperava que fosse alguma virose, mas, no fundo, ela sabia que não estava doente.

Estava grávida.



Naquela manhã, ela não foi ao escritório. Precisava tirar a prova, confirmar seu maior medo. Não podia mais adiar, acordara suando, seu corpo doía e ela tinha vomitado durante o sono, não tinha percebido isso até acordar. Havia algo de errado ali. Nunca tinha ouvido falar que isso poderia acontecer, mas já estava na hora de parar de fugir. Quase um mês fugindo. Um mês tentando achar uma explicação diferente para sua condição. Não, não podia mais se esconder do mundo.

Ela saiu do prédio, vestindo-se com um casaco e óculos escuros, parecia estar se escondendo da luz do dia. Não queria que a vissem comprando o que iria comprar, não queria ter dúvidas, mas também não queria que a questionassem. Preferia não ser vista.

A farmácia mais próxima era a duas quadras do seu prédio, mas ela preferiu tomar o ônibus, queria ir a uma em que não fosse conhecida, em algum lugar em que não houvesse quem a reconhecesse. Em um bairro

afastado, longe do centro da cidade e longe de todos. Comprou logo três testes e uma garrafa de água. Ela deixou uma nota maior do que o preço pedido, mas não se importou. Sua cabeça girava e ela só queria que tudo aquilo acabasse. Queria estar enganada e que tudo fosse apenas uma brincadeira e ela estivesse apenas doente de alguma forma.

Entrou em um estabelecimento suspeito enquanto bebia a água toda de uma vez, uma lanchonete um tanto largada às moscas. O balconista a indicou o banheiro, pouco mais do que um cubículo sujo. Ela sentiu o estômago revirar com força, mas segurou a vontade de vomitar.

Ela esperou.

Ela rezou.

Ela chorou.

As lágrimas escaparam de seu controle, a ansiedade a consumia. Precisava saber, tirar a dúvida de seu peito. Sua mente precisava da resposta tanto quanto os pulmões de ar, talvez mais. Sua mão tremia enquanto as marcas apareciam no pequeno objeto.

Ela esperou pela segunda vez.

Ela esperou pela terceira vez.

Já não chorava mais. Já não conseguia chorar. Seu corpo implorava para que saísse daquele cubículo, o estômago chutava e ela sentia que por mais um pouco acabaria vomitando. Ela olhou uma última vez para as marcas.

Positivo.

Quanto mais o tempo passava, mais sua barriga crescia. Ingrid entregara-se a gestação, mas também à depressão. Ela não desejara aquilo, fora um deslize. Um erro que ela não sabia como havia cometido. Só se lembrava de ter cometido, por mais que sua mente dissesse que não era sua culpa, ela continuava se perguntando como aquilo acontecera. Era sempre tão exigente com seus parceiros, era tão dona de suas ações. O que tinha feito de tão errado para que aquilo tivesse acontecido com ela?

Os meses passavam e, cada vez mais, as pessoas a sua volta perguntavam do pai da criança. Uma pergunta que faziam uma vez apenas, a expressão no rosto da mulher denunciava um medo tão grande, um desgosto imenso… Ela não conseguia responder. Não conseguia contar às pessoas sobre seu erro.

Sabia quando acontecera, disso não tinha dúvidas, mas passava as noites em claro se perguntando como acontecera.

Tinha viajado com duas colegas de trabalho, convencidas a se divertir em uma festa típica de meio de ano no norte do país, comemorando São João. Dançaram, se divertiram, as três mulheres se entregaram as festividades, encontraram a diversão que tanto procuravam. Ingrid, na época, considerava-se a mais sortuda das três. Tinha se encontrado com um belo homem que a tirara para dançar em meio a festa. Um homem alto, bem vestido em um terno branco e de chapéu fedora, também branco, trazia consigo um belo sorriso. Ele sabia muito bem como dançar, sabia muito bem como cortejar a moça, não tardou para que ela se entregasse a seus desejos e fosse com ele para um lugar mais afastado da festa, próximo ao rio e, ali mesmo, ela se deitou com o belo homem.

Tinha se gabado dos prazeres vividos com o homem para suas amigas, em detalhes ela descrevia os atos, causando rubor e inveja nas outras duas que não tiveram tanta sorte.

Pelo tempo em que esteve na cidade do interior, ela se deitou com aquele homem. Um homem desconhecido de todos na cidade, mas que todos viam nas festas. Sujeito estranho, mas encantador. Ingrid sentia nele um encanto especial, algo nele a atraía mais do que qualquer outro homem, ou mulher, jamais tinha feito acontecer. Sempre se encontravam ao pôr do sol, sempre junto às margens do rio, como amantes secretos que buscavam a tranquilidade da natureza para juntos se entregarem àquela paixão poderosa.

Ela se sentia diferente após o sexo, sentia-se exausta, é claro, mas sentia um fervor diferente. O homem sempre a deixava adormecer em seus braços, mas ela sempre acordava sozinha. Sempre protegida pelo paletó branco e imaculado do homem, o tecido a aquecia e ninguém nunca os incomodou ali. Era como se aquele espaço os pertencesse… Não. Ela sabia que não. Era como se aquele lugar pertencesse a ele. Ela sabia que havia algo de incomum em seu amante, mas como negar seu desejo por ele? Sempre voltava a ele. Sempre voltava para mais uma vez se deitar com aquele misterioso homem de branco.

O homem de belo sorriso. O homem de charme irresistível. O homem que sempre estava de terno e chapéu branco.

Fome.

Quanto mais a gestação se desenvolvia, mais a fome de Ingrid aumentava. Seus enjoos perseguiam sua alimentação, acordava vomitando. Os odores do mundo causavam repulsa, deixara de se alimentar, o cansaço aumentava, mas o corpo permanecia desperto. Estava fraca, mas nunca descansava.

Sentia desejos.

Desejos que não conseguia identificar, não conseguia imaginar o que poderia fazer para saciar uma vontade que não conhecia. Uma sensação de necessidade tão iminente, cada dia que passava comia menos, vomitava mais e seu sono desaparecia. Sentia a criança chutando em seu ventre, sentia a revolta da pequena criatura não nascida, sentia a revolta por não ter suas vontades atendidas. Ingrid sentia o desespero tomando sua mente.

O que podia ser? De que ela tanto precisava?

Arriscou sair do apartamento, mais uma vez, em busca do desejo atormentador. Emagrecia cada dia mais, estava perdendo sua forma, perdia-se entre a magreza e sua pele parecia sem vida. Ela mesma não se reconhecia. A barriga crescia, já no segundo trimestre, mas havia algo de errado com seu corpo. Sempre ouvira dizer que uma grávida tinha um brilho especial, algo que só uma gestação feliz poderia causar em uma mulher… Bem, aquela não era mesmo uma gestação feliz.

O mercado era sempre cheio, estava sempre mudando, a vida não parava porque Ingrid engravidara. Não, as pessoas pareciam não se importar. Os desconhecidos apenas a ignoravam e os conhecidos se afastavam a cada dia, poucos ainda a viam e se demoravam o mínimo possível na presença dela. Ingrid parecia afastar as pessoas apenas por estar ali, mesmo que não a tivessem percebido.

Prateleiras cheias, produtos frescos, frutos, carnes, produtos industrializados, a gestante olhava, procurava por algo que despertasse seu interesse, mas nada ajudava. Tudo ali parecia trazer mais enjoo.

Abandonou as lojas. Desistira de tentar.

Tomando caminhos diferentes para sua casa, Ingrid atravessou um beco. A viela dava para os fundos de um restaurante, ela já havia experimentado a comida de lá meses antes. Gostava do que serviam, mas só a ideia de entrar causava pânico. O que aconteceria se o cheiro a fizesse vomitar? Não estava disposta a passar mais essa vergonha. Ela era uma pária, fugia da sociedade.

Andava devagar, o corpo tremia pela fome. Apoiava-se na parede do restaurante, próxima da lixeira.

Aquele cheiro - Sua respiração mudou quando o sentiu.

Misturando-se ao lixo, ela encontrou dois gatos que brigavam por um pedaço de peixe que apodrecia dentro da lata de lixo. Ingrid os espantou, agitando os braços e berrando. Os gatos deixaram cair o peixe em sua fuga.

Ela se ajoelhou no chão e, ali mesmo, o apanhou e sentiu os dentes cravando naquela carne molenga. Sujando-se com o animal cru e fétido, esquecendo-se da civilidade, ignorando os vermes que se contorciam e se escondiam dentro da carne. Ela finalmente encontrara aquilo que saciara sua fome. Aquilo que sua criança tanto queria.

Dez meses.

Dez meses e a gestação ainda não acabara.

Ingrid estava cada dia mais exausta, seu corpo não conseguiria nutrir aquela gestação por muito mais tempo. Suas forças se esvaiam nas menores tarefas do dia-a-dia. O nascimento da criança estava há muito tempo atrasado. Sabia que estava tudo bem com seu filho, diversas vezes os médicos sugeriram que ela fizesse cesariana, mas ela batia o pé ao ouvir tal ideia. Era como se, no fundo, ela tivesse certeza que aquela gestação tinha que ser daquele jeito. Que estava tudo bem, que o tempo não era importante desde que a criança não-desejada estivesse bem.

A criança não-desejada.

A futura mãe nunca encontrara um nome para seu filho, nunca pensara em nada sobre ele. As pessoas sugeriam muitos nomes, presenteavam a mãe com coisas para quando a criança nascesse, mas ela mesma nunca movera um dedo para pensar no futuro da criança. Não abortaria, algo lá no fundo a impedia disso. Ela queria que a criança viesse a esse mundo, mas parecia um pensamento que não a pertencia. Um pensamento implantado em sua mente. Algo que não era dela, mas que ficara tão cravado em seu inconsciente que nada mudaria suas ideias.

Dez meses era muito tempo. Estava de licença do trabalho, só esperando pelo nascimento de seu filho. Ela esperava. Chorava todas as noites, o corpo fraco parecia manter-se desperto mesmo que sua mente implorasse por descanso. Não dormia, não comia… Pelo menos não percebia quando estava comendo. Sua alimentação mudara muito.

Peixes.

Crus.

Apodrecendo.

Nunca preparados, os peixes pareciam ainda vivos em sua boca quando se percebia comendo. Ela se enojava ao despertar do transe sempre que comia, vomitava o máximo que podia, mas sentia em seu interior o animal se revirando em seu estômago, sentia o gelado dele em seu corpo. Sentia a criança quieta, sentia uma felicidade vinda de seu ventre quando se alimentava da carne crua.

Nunca dormia.

Sempre comia.

Nunca pensava.

Sempre chorava.

Ingrid jamais contou aos médicos que não dormia desde o terceiro mês de gestação, mas eles sabiam que ela estava diferente. Todos que a viam sabiam que ela definhava. Sua pele parecia prestes a se soltar de seu corpo, seu corpo, que antes fora motivo de orgulho por sua beleza, agora parecia apenas um vestígio do que ela tinha sido. Ingrid lembrava vagamente a mulher que fora.

A cada noite que passava, ela parecia esperar pela morte. E sabia que ele estava chegando. Sentia nas suas entranhas.

Quando a luz brilhou cheia ao fim do décimo mês, Ingrid teve certeza de que agora faltava muito, muito pouco. Seu corpo apodrecia, mas ela sentia um prazer longínquo em seu ventre. Ela sentia o cansaço, finalmente, tomá-la de vez. Agora podia descansar. Estava quase acabando.

A luz da lua entrava pela janela do apartamento. O lugar era um caos. Fedia a peixe, estava sujo e entregue às moscas e vermes. A mulher deitada na cama gemia de dor, sentia seu ventre se contrair, seu corpo fraco agora sangrava. Estava sozinha em um apartamento velho cheirando a peixe podre. Ninguém viria por ela. Estava reclusa há meses, abandonada como um pedaço de carne comido por vermes. Fugia dos olhos dos homens, se escondia do mundo. Suja. Impura. Faltava muito pouco. Tinha certeza disso.

Gritou.

Gemeu.

Chorou.

Sangrou.

Ingrid, uma mãe entregue à solidão, berrava enquanto seu corpo empurrava para fora o filho não-querido. A única luz era a do luar que invadia sua janela. Ela riu quando a criança, finalmente, saiu. Ela tomou-o em seus braços, ainda sujo, mas vivo. Mãe e filho, misturados na imundice única do surgir de uma vida. A criança chorou ao sentir as mãos finas como osso velho em seu corpo.

Aquela criança esperava por alimento.

Não tirou o peito para saciar a fome de sua criança, não. A nova mãe apanhou, do lado da cama, em um balde, um peixe podre. O pequeno bebê parou de chorar. Seus olhos se abriram, revelando apenas a escuridão. Completamente negros. A pele rosada revestia o corpo rechonchudo. Era surpreendente como uma criança como aquela tinha nascido de uma mulher tão fraca, tão destruída pela longa gestação. Ela levou o peixe para junto da criança, que abriu a boca. Uma boca com finos dentes escuros, negros como a escuridão da noite. Devorou o peixe podre enquanto a mãe sorria.

— Finalmente — a voz entrou no quarto pela porta, trazendo consigo o homem que a proferira — Nossa criança é linda.

De terno branco e chapéu de lado, o homem entrou no quarto e tomou das mãos da mãe a criança. Ele sorria abertamente. Olhou da criança para a mãe, revelando uma admiração por ela.

— É surpreendente… Não é sempre que uma de vocês suporta o nosso nascer.

Ele tirou o chapéu, revelando a cabeça raspada. O couro parecia brilhar, mas os olhos da mulher encontraram a estranha cavidade ali. Um buraco no topo que parecia afundar o crânio do homem. A cavidade se movia devagar, como o peito de quem respira. Foi quando, finalmente, ela entendeu o que acontecia. Tinha as respostas que buscava. Exceto uma. Ela o amava? O homem ou o filho não-desejado? Ou tudo não passara de seus encantos? Conhecia as histórias… Ela, agora, entendia que vivera uma delas. Uma história que nunca ouvira por inteiro, mas agora parecia não importar o quanto desejasse não ter conhecido. O que aconteceu, aconteceu.

O homem sorriu para ela.

— Deite-se, não há mais tanto tempo — ele se levantou, o filho nos braços — Logo chegará sua hora, minha querida. Você foi bastante útil para nós.

O homem virou-se para a janela antes de sair, seus olhos pareciam se perder no brilho eterno da lua. Ele suspirou, cansado, olhou uma última vez para a mulher na cama.

Ela não respirava.

— É uma pena… — ele colocou o chapéu de volta em sua cabeça, escondendo o buraco por onde respirava — Ela era tão bonita…



PASTOR DAS RUAS

A Cidade nunca para de crescer e as Pessoas se voltam cada dia mais para dentro de suas próprias rotinas. Correndo de um lado para o outro, esbarrando umas às outras sem sequer se perceberem em uma corrida que nunca leva a lugares diferentes. Sempre o ponto A até o ponto B e outra vez ao A. Sempre foi assim, sempre será. A pedra consome o verde do mundo, a rocha cinza desfaz o que foi criado enquanto as pessoas se distanciam cada vez mais umas das outras.

Os olhos deixam de ver quando se acostumam com um mesmo caminho todos os dias, a mente segue em piloto automático. Um dia, sem mais nem menos, deixam de enxergar aqueles que estão largados e encolhidos em sarjetas, tentando se aquecer de alguma forma durante as longas noites que precisam enfrentar, perdendo cada dia um pouco mais da esperança que traziam dentro de si. Não, ninguém repara mais naqueles que são esquecidos pelas próprias famílias, os esquecidos de uma sociedade tão ordeira que beira ao anárquico.

Ninguém repara.

Ninguém repara até o incomum surgir, até o estranhamento lhes saltar os olhos. A moça que trazia no ventre o fruto de sua gestação foi deixada pelo emprego quando não teve mais força para trabalhar, quando sua pele ressecada parecia se abrir em feridas que não mais sangravam, nem mesmo notaram quando a moça mudou. As pessoas não deixaram suas rotinas para ver a moça que devorava do lixo os restos de um restaurante. Humilhada, abandonada, a moça precisava comer. Esperando não ser vista, Ela devorou o que conseguiu.

Mas Ele a notou.

Escondido entre o mesmo lixo, procurando por restos que pudesse reciclar e tentar conseguir algum dinheiro, ninguém percebeu que aquele que havia sido o único a notar a mulher era, também, o último a ser injustiçado entre tantos culpados. O último homem que sofrera das tragédias da vida e ainda se erguia em tentativa de alguma dignidade.

Escondido na imundice, o rapaz observava a mulher magra de ventre cheio. João reparou nas roupas da moça, no quão diferentes eram das suas. Não eram novas, mas estavam limpas — da melhor forma possível.

Ele ainda observou em silêncio enquanto a moça arrancava das moscas seu banquete, mordendo e rasgando a carne branca e viscosa. Consumindo do lixo a podridão descartada da sociedade.

“O que teria sido capaz de fazê-la abandonar sua própria Esperança?”, pensou João.

A moça ergueu os olhos quando, fora do beco, a agitação pareceu segui-la. Largou a carcaça animal, seu falso alimento, e desapareceu entre as pessoas. O rapaz esperou por alguns minutos antes de, ele mesmo, se levantar de seu esconderijo e ir até os restos. O cheiro não o incomodava mais há muito tempo, mas a visão de restos podres marcados pelos dentes da mulher e cobertos de larvas ainda puderam embrulhar seu estômago.

“João, João”, pensou enquanto continha suas entranhas, “*nunca duvide do que os ricos podem fazer”*.

As palavras não lhe pertenciam, mas à sua falecida avó. A última alma capaz de se lembrar dele com carinho, que ainda era capaz de ser sua família, que dera carinho e abrigo ao rapaz abandonado ainda menino por um pai desconhecido e uma mãe doente. Mas a velha senhora já não era alguém a quem ele podia pedir ajuda. “Nunca mais”. Ele deu às costas aos restos de comida e deixou o beco, o saco de latas e outras quinquilharias na mão.

Sentia nojo de estar ali.

Era pobre, sim, mas não se rendia. O rapaz não tinha mais esperança de mudar de vida, mas não estava desesperado ainda como a moça. Estava lutando todos os dias, com o mundo, com as pessoas que não o viam, com outros como ele que precisavam de sucata para vender e conseguir um prato de comida barato. Era o que estava fazendo quando avistou a moça. A sabedoria fez com que se escondesse e esperasse. O que poderia ter acontecido caso fosse visto? João carregava cicatrizes de vezes em que o apanharam nas ruas e, aos sons das risadas e da maldade humana, decidiram *brincar*. Era o que sempre diziam, *“vamos brincar com esse aqui”*. Estava sempre se escondendo, tentando sobreviver.

A noite vinha aos poucos e as luzes ligavam vagarosas, despertando os noturnos de seus descansos e chamando-os para a luta de cada um. Os trabalhadores se trancavam em suas casas enquanto foliões se lançavam às ruas atrás de *diversão*.

Logo seria a vez de João lutar.

Os abrigos eram poucos na cidade e os que existiam tinham seu próprio jeito de roubar os restos de dignidade de quem apelava para eles. Alguns até lutavam pelos espaços nos abrigos, mas João sabia bem que muitas vezes era mais seguro estar na rua. A rua era um inferno, sim, mas pelo menos era um inferno que ele conhecia.

Todos os dias eram cheios de batalhas que João precisava vencer se quisesse continuar lutando.

O rapaz sabia que o problema não estava nos outros como ele, eram os noturnos o problema. Para estes, João e seus companheiros eram como párias, como lixo, e como lixo tinham que ser jogados fora, pisoteados e queimados.

Eles não tinham culpa, João pelo menos sabia que não tinha culpa do que acontecera com ele. Não teve sorte, só isso. A vida jamais lhe tinha sorrido. Gerações incontáveis de desgraças o seguiam de perto, pobres, enganados, usados, maltratados… Sem lugar para ir, sem trabalho para se garantir, sem estudo que pudesse ajudar e sem uma mão estendida para sua proteção, João continuou a carregar o fardo que lhe foi incumbido antes mesmo de seu nascimento.

João não teve culpa.

Não teve culpa também quando partiu em viagem para um fazendeiro em troca de algum dinheiro e sua avó ficou sozinha na casa quando os *monstros* invadiram, fedendo, gritando, bêbados e incendiando a casa para rir e gargalhar. Da avó não sobrou nem sequer um cadáver inteiro e da casa ficaram só cinzas. João não viu as chamas, mas elas assombravam seus sonhos. Os sonhos daquele que jamais teve culpa do que a vida lhe preparou.

A pele ardia contra o chão frio, queimando não só por fora, mas por dentro. O corpo envolto em uma nova chama que se alimentava de sua própria esperança. A esperança. João sentia cada golpe arder, mas não era mais apenas uma esperança, estava exausto. Exausto de fugir, cansado de ter que se esconder. João tremia, o vento uivava em seus ouvidos, enquanto as risadas abafadas eram carregadas por dedos sujos que apontavam para ele. O rosto molhado por seu próprio sangue.

Apontando e rindo, junto daqueles que começavam a noite atrás dessa *diversão*. Ninguém defendeu João. Nenhum homem ou mulher se ergueu contra a mão que desferia os golpes, riam nervosos enquanto

agradeciam por João ter sido escolhido no lugar deles naquela noite. Ninguém fez nada para ajudá-lo.

Ninguém contou sobre a arapuca armada na porta do abrigo. Agarraram suas latas velhas e tomaram seus trocados, a marmita fria derrubada foi devorada pelo desespero mesmo no chão. As luzes cegavam, deixando apenas as formas escuras se aproximando e acertando novos golpes.

Um golpe.

Cada golpe.

Seguido de risos.

Acompanhado do vozerio.

Dos gritos.

A chama fraquejava em seu corpo e João já não tinha mais forças, um novo golpe o acertou no queixo, derrubando e mergulhando-o em uma poça do que era seu próprio sangue. Frio e calor se encontravam ali, distanciando-se a passos rápidos enquanto golpes eram seguidos no estômago do rapaz.

João estava exausto.

Quando uma futura mãe cruzou seu caminho, com lixo entre os dentes e o pânico o tomou, João entendeu finalmente. Ele podia não ter culpa do que a vida lhe dera, mas tinha culpa por não ter lutado… o bastante? Era isso? O mundo era assim? A sorte favorecia seus escolhidos e os pontapés eram reservados aos indignos de pena como ele? O que ele queria? Sua esperança despedaçada a cada novo ataque, a cada novo dia, a exaustão seguia em seu corpo.

O som de metal encheu o beco, enquanto os gritos surgiam entre novas gargalhadas. João abriu seus olhos uma última vez, vendo o desespero pelas poucas moedas que eram jogadas ao seu redor enquanto novas brigas surgiam ali. Golpes desferidos uns nos outros atrás do vil metal. Do ouro e da prata. A gargalhada uníssona ecoando na noite.

Não eram seus iguais que o acertavam, ele sabia. Eram *eles*. Aqueles noturnos filhos de fazendeiros, ricos e mimados por pais sem limites ou compaixão. João não tinha culpa de sua vida, mas os Filhos eram culpados por seus pais que nunca os ensinaram a ver o humano em seus iguais? Divertiam-se ao desumanizar os outros, tomando a esperança de suas almas. A maldade perseguia os inocentes. O que tinham de tão especial? João sentia frio, mas não sentia mais os golpes em seu corpo.

Frio.

João sentiu frio uma última vez.

Silêncio.

O mundo pareceu se calar, enquanto uma última luz se apagava. Uma última luz se apagava dentro de João.

O Escuro.

— Levante, meu amigo.

A voz o despertou enquanto um novo calor tomava seu corpo, não era como o calor da adrenalina de antes, nem mesmo um calor de um dia de verão, era um calor… Único. Como o acender de uma vela. E como neste pensamento, uma vela se acendeu diante de seus olhos e João pode ver outra vez.

Não estava mais no beco, não. Nem mesmo era a cidade que conhecia. Era tudo muito calmo ali. Um grande campo aberto até o infinito, apenas uma pequena capela branca de onde um pequeno ponto de luz surgia. O rapaz ergueu os olhos para cima e viu, ao longe, as estrelas muito vivas se acendendo para ele, brilhando e piscando. A dor não o alcançava ali, Sentia uma paz que nunca conseguira imaginar.

Mas não estava sozinho ali.

De roupas puídas e furadas, cobertas por uma manta de lã cinza e muito suja pelo tempo, um rapaz com longas cicatrizes que marcavam a pele exposta, sorria para ele. Sorria de verdade, como ninguém mais sorrira para João.

— Nós vamos conseguir, João das Luzes — o rapaz estendeu a mão para João.

João piscou, mas ergueu a mão para o rapaz. Não havia vento ou brisa, mas a chama da vela tremia. O vermelho tornando-se azul. A névoa descendo ao redor dos dois, enquanto João pensava em perguntar qualquer coisa. Tentando formular os pensamentos, ele nada disse. O rapaz entregou a João a vela e João soube que deveria ficar em silêncio.

Juntos, caminharam até a capela e ali o rapaz se abaixou e, quase em silêncio, fez uma prece calma e antiga. Uma prece para uma mãe antiga que João sabia conhecer. Para Alguém que sempre este lá por ele, mesmo quando ele não estava mais por si.

— Feche os olhos, João das Luzes.

Ele fechou.

— Logo não haverá mais dor, eu prometo.

João sabia que sim.

A Luz da vela invadiu a Escuridão dentro dele, era aquela Lua que trazia o calor. Trazia a vida. Tudo aquilo que tanto procurava estava ali. A luz da vela guiou João até onde ele tanto queria chegar. O lugar para onde muito ansiou fugir… Longe das trevas da cidade de cinzas que o maltratava.

O frio voltava ao seu corpo, mas não o incomodava mais. Nem a dureza do chão, nem a sujeira de seu sangue e imundice do lixo jogado pelo beco, nada ali o incomodava mais, nada exceto as risadas. Aquele riso maldito, as gargalhadas estavam sempre ali, apontando para quem precisava lutar todos os dias enquanto seus donos engoliam as toneladas de porcarias e transformavam o bom do mundo em lixo.

Não, não podiam mais ficar impunes.

“Todos os dias mais deles surgiam no mundo e menos de nós existiam”, o pensamento o atravessou como um estalo. João se levantou do chão, os gemidos de espanto ecoaram ali, calando as gargalhadas por um momento, apenas um momento. Um deles cuspiu em João, rindo outra vez, debochando de sua aparência.

Mas mesmo este se calou quando João sorriu.

Um sorriso torto, mal encaixado no rosto que não mais era seu. Ele podia sentir a energia correndo em suas veias, o sangue ainda correndo sobre a pele e roupas, mas não sentia a fraqueza de antes. De certo, João não se sentia mais no comando de seu próprio corpo, tudo o que sentia era uma… Não, não era mais Esperança o que ele sentia.

O mundo não mudaria sem uma lição. Ninguém seria capaz de ensinar algo importante assim sem um exemplo, sem uma história que pudessem contar aos outros, aos seus iguais, a voz deles seriam ouvidas no lugar daquelas que eles mesmos calaram. Estava na hora de entenderem a lição.

Os punhos se fecharam quando o corpo se levantou em extrema retidão. O sorriso largo e os olhos fechados quando avançou, *eles* quase não tiveram tempo de reagir. Fugir, entrar em seus carros sem mérito, atacar, gritar. Não estavam prontos para uma reação diferente da humilhação, *eles* jamais imaginaram que alguém, algum dia, revidaria.

Nunca esperaram que suas ações tivessem consequências.

Mas para toda ação há uma reação, para toda maldade há uma punição cedo ou tarde. Socos, chutes, gritos, risadas e barulho de metal. A gritaria tomara lugar das risadas, o pânico instaurado acompanhou as muitas vozes que gritavam pela primeira vez em muitos anos.

João das Luzes não estava sozinho, seu corpo reagindo a cada estímulo. Não, agora todos aqueles que, como ele, não tinham culpa tinham se levantado. Cansados de apanhar de um mundo injusto, eles não se deixavam mais a mercê da dominação dos aproveitadores sortudos. João das Luzes, agora, corria de um carro para o outro e, com uma barra de aço tomada de um de seus iguais, ele rasgava os pneus, destruía janelas e acertava mãos e pernas em seu caminho.

Não ia permitir que escapassem das consequências.

Eles não tinham mais permissão para viver sem aprender essa lição. Era a hora do Santo das Ruas ensinar. Era a hora em que encontrariam a luz que todos carregavam em suas almas, a luz que *Eles* nunca precisaram proteger, mas que João lutava para manter acesa. A luz de velas rogada a uma mãe que há muito os ensinou, mas que agora exigia que lutassem por eles mesmos.

Ninguém esperaria por eles, então não deveriam esperar por ninguém.

O grito abafado dos que fugiam foi cortado na noite fria pelo rugir de uma só voz vinda do coração daqueles que retomaram sua Esperança.

Os Esquecidos haviam se lembrado que existiam.

João das Luzes deixou a barra de aço cair no chão.

Um último *deles* escapou do massacre. Em um único suspiro, o frio tomou o corpo de João outra vez. A luz em seu peito voltara a se apagar, e seu corpo já não tinha mais forças. Não era mais dele a carne que habitava, a consciência disso o trouxera paz — tinha feito seu papel. Emprestara, em uma última ação, sua pele para alguém que pudesse lembrá-los que Existiam.

— Ele fugiu, João — um de seus iguais dissera.

— Não, — sua voz estava fraca e findava — Foi a decisão do Pastor.

E seu igual entendeu.

Alguém precisava sobreviver entre eles, alguém levaria a história para frente, alguém entre eles saberia o que aconteceu. A voz de um deles faria com que *eles* ouvissem: Não iam mais se calar, não deixariam que os

calassem. O Pastor estava ali e os protegeria, enquanto cuidassem uns dos outros.

João das Luzes os libertou do silêncio.

E eles não iriam deixar que fossem calados outra vez.

AGRADECIMENTOS

Não há história minha que não me venha na cabeça de agradecer minha esposa; sem ela não haveria sequer uma única palavra escrita, pois quando duvido de mim, ela quem me faz voltar a acreditar.
Para sempre vou te amar, minha Sereia.
Obrigado por estar comigo.

APOIA-SE!

Abaixo estão os nomes (em ordem alfabética) daqueles que acreditam no meu trabalho e estão juntos comigo nessa trilha até o infinito apoiando a campanha de financiamento coletivo. Para todos, MUITO OBRIGADO!

E se você quiser fazer parte dessa lista, pode acessar o link para o Apoia-se (https://apoia.se/ljlunewalker), qualquer valor pode fazer a diferença! Apoiar a literatura nacional é importante, não só para mim, mas para todos nós!

APOIAM

- Alec Cruz
- Elane Fabricio de Jesus
- Géss Rojas
- José Carlos Gomes
- Mariany Arguelho
- Ricardo Bruno Ajonas

O AUTOR



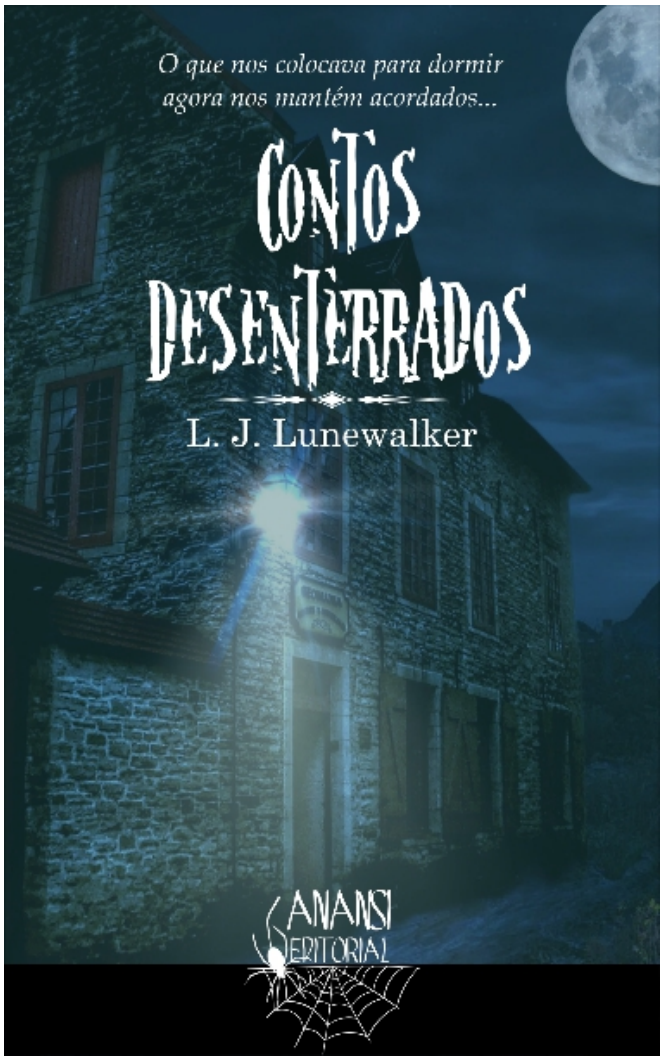
Luigi J. Lunewalker é fã de histórias de terror, creepypastas e folclore, publicado em diversas antologias e também de forma independente pela Amazon. Escreve ao som de Powermetal e se distrai lendo HQs antigas, enquanto toma uma (ou doze) xícaras de café e descansa lendo mais ainda ou ouvindo podcasts.

É membro da ABERST e é o Grão-grão da Ordem Amendoal, coletivo caótico de teóricos do universo.

Instagram
https://www.instagram.com/ljlunewalker/
Apoia-se
https://apoia.se/ljlunewalker
Twitter
https://twitter.com/l_lunewalker
E-mail
ljlunewalker@gmail.com

OBRAS

CONFIRA AS OUTRAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR



Contos Desenterrados
ASIN B07J5YGR1J

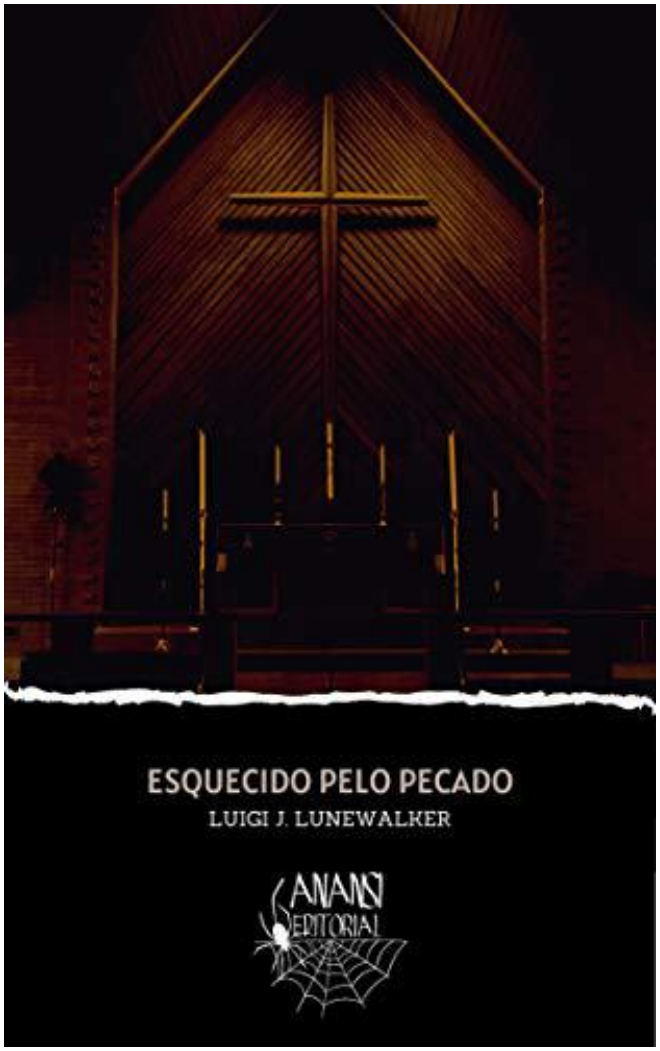
Espelhos, bonecas e capas. São alguns objetos concebidos pela humanidade há tantos anos quanto às histórias que os cercam. Enquanto crescíamos, ouvimos os contos e nos divertimos com eles, mas, ao crescer, os deixamos para trás.

Enterramos o passado com nossas histórias favoritas. Deixamos em algum lugar da casa que nunca nos lembramos de olhar, escondemos no fundo de nosso ser o que as histórias significavam para nós.

Esses contos estão voltando... E o que nos colocava para dormir agora nos mantém acordados. Contos Desenterrados, escrito em 2016, é uma reunião das histórias que todos conhecemos (Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Cinderela, Bela e a Fera), mas que nos cercam de uma maneira que nossos pais não nos contaram. O mundo em que crescemos não é o mundo que imaginamos.

Ouça ao longe o som do metal, é melhor tomar cuidado... Ela está vindo.

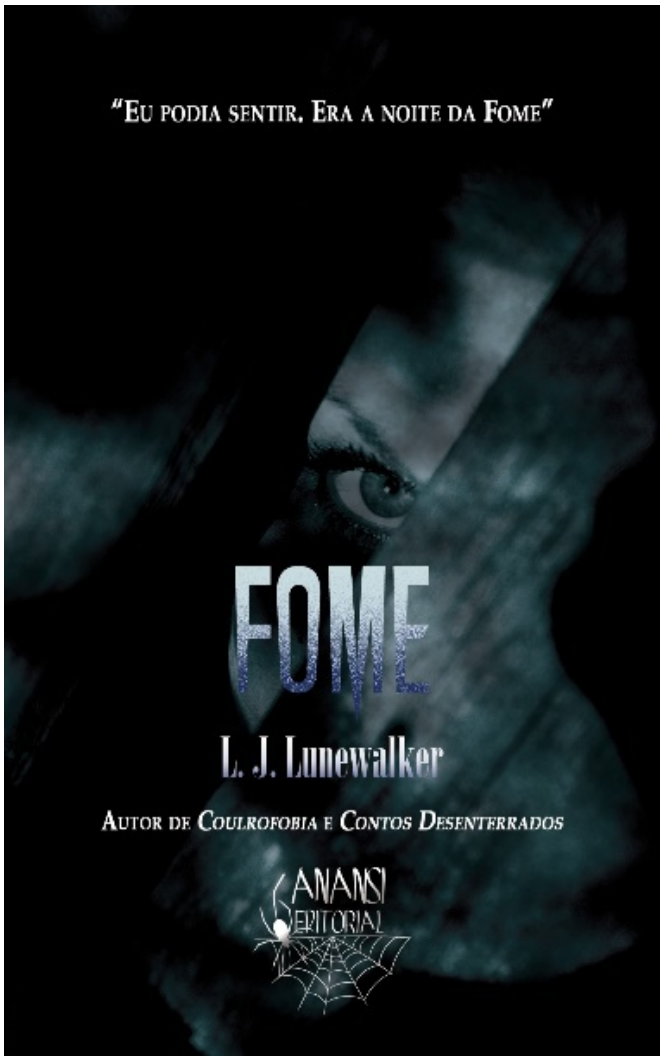
Compre agora e leia!



Esquecido pelo Pecado
ASIN B08MCFX7BV

Em uma noite em uma cidadezinha do interior do Brasil, um Homem desesperado busca ajuda de um Padre para realizar seu desejo mais profundo. Mais profundo e profano.

Compre agora e leia!



Fome
ASIN B07T7Z1M49

Ela aguarda, observando noite após noite aquele que saciará sua fome incontrolável. A boca saliva de excitação, enquanto a língua se move frenética até seu banquete.

O pecado caminha para dentro de cada um e somente ele pode acalmar o desejo dela.

Compre agora e leia!